

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. Hibridismo e tradução cultural em Bhabha. In: ABDALA JÚNIOR, Benjamin (org). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004. P. 113-133.

Aline de Caldas¹

Dyala Ribeiro²

Gisane Santana³

“[...] a identidade nunca existe a priori, nunca é um produto acabado; sempre é apenas o processo problemático de acesso de uma imagem de totalidade”

Homi K. Bhabha

O autor propõe uma leitura do conceito de *hibridismo* a partir dos textos teóricos do crítico pós-colonial Homi K. Bhabha. Lançando seu olhar de membro da elite local da sociedade indiana - colonizada pelos ingleses -, Bhabha explica o sentimento de superioridade em relação aos colonizados e, de inferioridade em relação aos colonizadores como sendo a experiência da *ironia*, na qual dois sistemas de *valores* e *verdades* se relativizam, se questionam, se sobrepõem, fazendo com que a duplicidade e a ambigüidade sejam fortes características do hibridismo.

Bhabha confrontou tentativas de escritores, tanto coloniais como colonizadores, em descrever o sujeito colonial. Assim, refletiu sobre que aspecto estava em questão: a linguagem utilizada para representar o sujeito ou a própria noção de sujeito (identidade). Partindo do *desconstrucionismo*, Bhabha “valoriza o hibridismo como elemento constituinte da linguagem, e, portanto da representação” (p. 114), o que implica na impossibilidade de se pensar uma descrição ou discurso autêntico sobre esse sujeito. Assim, qualquer tentativa de representação é híbrida por conter traços dos dois discursos, num de *jogo de diferenças*, no qual a busca por uma autenticidade é vista como infecunda.

¹ Discente do curso de Comunicação Social – DLA/ UESC. Grupo de Pesquisa ICER.

² Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV pela UESC.

³ Discente do curso de Letras DLA/UESC. Grupo de Pesquisa ICER

O autor coloca duas metodologias utilizadas pelas literaturas coloniais para analisar a relação entre colonizado e colonizador: a *análise de imagens* – “vista como reflexo ou expressão de um conteúdo (o referente) previamente conhecido e fixo” (p. 115) – e a *análise ideológica*, cujo “conceito chave é a *clausura ideológica*, o processo pelo qual uma dado texto reprime ou desloca uma ‘contradição’ ideológica” (p. 116).

Sugerindo uma idéia de literatura enquanto prática ou processo discursivo, Bhabha atenta para o espaço entre o ver e o interpretar, chamando-o *terceiro espaço* - o interstício entre significante e significado do qual, considerando o contexto sócio-histórico e ideológico do usuário da linguagem (*o locus da enunciação*), se pode ter visibilidade do hibridismo.

Com base no trabalho de Fanon, Bhabha destaca três pontos relevantes para a construção da identidade em contextos culturais. O primeiro determina que é necessário *existir para, ir em direção a* e ter uma ‘relação de desejo’ *para com* uma alteridade, um outro externo. O segundo ponto, chamado *cisão*, é caracterizado pelo desejo, por parte do colonizado, de alcançar a posição de superioridade do colonizador, sem, contudo, se desligar de sua condição. O terceiro aspecto diz respeito ao processo de identificação, fazendo surgir uma ‘*imagem de identidade*’, um projeto, a partir do qual o sujeito sofrerá tentativas de transformação. Assim, será imputado a vestir uma máscara, que deixa uma lacuna (espaço intersticial e relacional) entre a imagem e a pele, não permitindo uma ‘*imagem autêntica*’.

Lynn Mario de Souza explica que, para Bhabha, colonizado e colonizador, fazem uso de uma tática chamada *mímica*, a partir da qual se constrói uma imagem persuasiva de sujeito, com o objetivo de “apropriar-se e apoderar-se do Outro” (p.121). Dessa forma, a identidade, sob a perspectiva do *hibridismo*, não é estanque, sempre remete a uma imagem, uma espécie de máscara, um mito fundacional. Sob o ponto de vista psicanalítico, Bhabha trabalha essa questão a partir do conceito de *fetice*, uma espécie de fantasia que afirma uma idéia de totalidade (em relação à identidade) e tenta camuflar a percepção da diferença, da ausência, criando o *estereótipo* no intuito de negar a multiplicidade e assegurar a pureza cultural.

Souza diz que Bhabha defende um novo conceito de cultura, considerado enquanto “verbo” e não mais como “substantivo”, híbrido, dinâmico, *transnacional* – gerando o

trânsito de experiências entre nações - e *tradutório* – criando novos significados para símbolos culturais. Este conceito está ligado à questão da sobrevivência, quando os deslocamentos põem em choque diferenças culturais. Assim, o hibridismo vem enfatizar que “culturas são construções e as tradições, invenções” (p. 126), e que, quando em contato, criam novas construções desterritorializadas.

Assim, ao se apropriar da linguagem, Bhabha procura enfatizar a construção do significado pela interpretação (ou ressignificação, conseqüente da subjetividade atribuída à existência de espaços intersticiais), negando a falsa idéia de transparência, homogeneidade e considerando a necessidade de historicizar e contextualizar o momento da enunciação.